

Gálatas 1:11-24

A origem do evangelho de Paulo

Vimos em Gálatas 1:6-10 que há um só evangelho, e que este evangelho é o critério pelo qual todas as opiniões humanas devem ser testadas.

Este é o evangelho que Paulo apresentou.

A questão agora é: qual é a origem do evangelho de Paulo para que seja a norma, e para que as outras mensagens e opiniões sejam avaliadas e julgadas por ele? Sem dúvida é um evangelho maravilhoso.

Lembremos a Epístola aos Romanos, as Epístolas aos Coríntios e as poderosas epístolas da prisão, como Efésios, Filipenses e Colossenses.

Ficamos impressionados com o majestoso ímpeto, profundidade e a consistência com que Paulo expõe o propósito de Deus de eternidade a eternidade.

Mas de onde ele tirou essas ideias?

Seriam produto de sua própria mente fértil?

Será que as copiou dos outros apóstolos em Jerusalém?

A resposta dele a estas perguntas pode ser encontrada nos versículos 11 e 12:

Gálatas 1:11-12 Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo.

Eis aí a razão por que o evangelho de Paulo era o padrão pelo qual os outros evangelhos deviam ser medidos, ele lhe foi revelado por Jesus Cristo.

Assim como no versículo 1, ele afirmou ser divina a origem de sua comissão apostólica, agora ele afirma ser também de origem divina o seu evangelho.

Nem a sua missão nem a sua mensagem derivaram de homem algum; ambas lhe vieram diretamente de Deus.

A reivindicação de Paulo, portanto, é a seguinte:

O seu evangelho, que estava sendo colocado em dúvida pelos judaizantes e abandonado pelos Gálatas, não era uma invenção, nem uma tradição (como se a igreja lhe tivesse transmitido), mas uma revelação de Deus.

1- O que Aconteceu Antes de Sua Conversão (vs. 13, 14)

Gálatas 1:13-14 Porque ouvistes qual foi o meu proceder outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a igreja de Deus e a devastava. E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais.

Aqui o apóstolo descreve a sua situação antes da conversão, quando ele estava "no judaísmo", isto é, quando ainda era um "judeu praticante".

O que ele fora naquele tempo todos sabiam: "Porque ouvistes qual foi o meu proceder outrora", diz ele, pois já lhes falara sobre isto antes.

Paulo menciona dois aspectos da sua vida antes da regeneração:

A perseguição à igreja, que ele agora reconhece ser "a igreja de Deus" (versículo 13), e o seu entusiasmo pelas tradições dos seus pais (versículo 14).

Em ambos, se considera um fanático.

Consideremos a perseguição à igreja:

Paulo perseguia a igreja de Deus com violência e até mesmo com selvageria, tarefa ao qual ele se empenhava com excelência.

O que ele nos conta aqui podemos complementar com o livro de Atos.

Atos 8:3 Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere.

Atos 26:9-11 Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno; e assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e contra estes dava o meu voto, quando os matavam. Muitas vezes, os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia.

Ainda não satisfeito em perseguir a igreja, ele se sentia realmente inclinado a devastá-la (Gl 1:13). Estava determinado a acabar com ela.

Ele fora igualmente fanático em seu entusiasmo pelas tradições judaicas.

Ele fora criado de acordo com "a seita mais severa" da religião judaica (Atos 26:5), ou seja, era um fariseu e vivia como tal.

Esta era a condição de Saulo de Tarso antes de sua conversão:

Um fanático inveterado, completamente dedicado ao Judaísmo e à perseguição de Cristo e da Sua igreja.

Um homem nessa condição mental e emocional de maneira alguma mudaria de opinião, nem se deixaria influenciar por outras pessoas.

Nenhum reflexo condicionado ou qualquer outro artifício psicológico poderia converter um homem assim. Apenas Deus poderia alcançá-lo e foi o que Deus fez!

2 - O que Aconteceu na sua Conversão (vs. 15, 16a)

Gálatas 1:15-16a Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios...

O contraste entre os versículos 13 e 14, de um lado, e os versículos 15 e 16, do outro, é radical. Nos versículos 13 e 14 Paulo está falando de si mesmo: "perseguia eu a igreja de Deus... e a devastava... quanto ao judaísmo avantajava-me... sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais."

Mas nos versículos 15 e 16 ele começa a falar de Deus. Foi Deus, escreve, "que me separou antes de eu nascer", Deus "me chamou pela Sua graça", e a Deus "aprouve revelar seu Filho em mim". Em outras palavras, "no meu fanatismo eu me inclinava a perseguir e destruir, mas Deus (que eu havia deixado fora de minhas

cogitações) me prendeu e alterou meu impetuoso curso. Todo o meu violento fanatismo nada era diante da boa vontade de Deus."

Observe como a iniciativa e a graça de Deus são enfatizadas a cada estágio.

1. Deus me separou antes de eu nascer. Assim como Jacó foi escolhido antes de nascer, em preferência ao seu irmão gêmeo Esaú (cf. Rm 9:10-13), e como Jeremias, designado para ser profeta antes de nascer (Jr 1:5), Paulo, antes de nascer, foi separado para ser apóstolo. Desta forma, se ele foi consagrado apóstolo antes mesmo do nascimento, então é evidente que ele nada tem a ver com isso.
2. Essa escolha antes do seu nascimento levou à sua vocação histórica. Deus o chamou pela sua graça, isto é, por seu amor totalmente imerecido. Paulo estivera lutando contra Deus, contra Cristo, contra os homens. Ele não merecia misericórdia, nem a pedira. Mas a misericórdia fora ao seu encontro e a graça o chamara.
3. Aproveu (a Deus) revelar seu Filho em mim. Quer Paulo esteja se referindo à sua experiência na estrada de Damasco, ou aos dias imediatamente subsequentes, o que lhe foi revelado foi Jesus Cristo, o Filho de Deus. Paulo perseguia a Cristo porque cria que este era um impostor. Agora os seus olhos estavam abertos para ver Jesus não como um charlatão, mas como o Messias dos judeus, Filho de Deus e o Salvador do mundo. Ele já conhecia alguns dos fatos acerca de Jesus (ele não declara que estes lhe foram revelados sobrenaturalmente, naquele ocasião ou mais tarde, cf. 1 Co 11:23), mas agora percebia o seu significado. Era uma revelação de Cristo para os gentios, pois a Deus "aproveu revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios". Fora uma revelação particular a Paulo, mas para uma comunicação pública aos gentios. (Atos 9:15.) E o que Paulo foi encarregado de pregar aos gentios não foi a lei de Moisés, como os judaizantes estavam ensinando, mas as boas novas, as boas novas de Cristo. Este Cristo fora revelado, diz Paulo, "em mim". Nós sabemos que foi uma revelação externa, pois Paulo declara ter visto Cristo ressuscitado (p. ex., 1 Co 9:1; 15:8, 9). Essencialmente, porém, foi uma iluminação interior de sua alma, Deus resplandecendo em seu coração "para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (2 Co 4:6). E esta revelação foi tão íntima, tornando-se de tal forma parte dele mesmo, que lhe possibilitou torná-la conhecida aos outros.

A força destes versículos é muito grande. Saulo de Tarso fora um oponente fanático do evangelho. Mas Deus se agradou fazer dele um pregador desse mesmo evangelho ao qual ele antes se opunha tão ferozmente.

Sua escolha antes de nascer, sua vocação histórica e a revelação de Cristo nele, tudo isso foi obra de Deus. Portanto, nem a sua missão apostólica nem a sua mensagem vinham dos homens.

Contudo, o argumento do apóstolo ainda não está completo. Considerando que a sua conversão foi uma obra de Deus, o que se tornou claro na maneira como aconteceu e pelos seus precedentes, não teria ele recebido instruções depois de sua conversão, de modo que a sua mensagem fosse proveniente de homens? Não. Isto também Paulo nega.

por lá durante três anos (versículo 18). Cremos que neste período de afastamento, ao meditar sobre as Escrituras do Antigo Testamento, sobre os fatos da vida e morte de Jesus, os quais ele já conhecia, e a experiência de sua conversão, o evangelho da graça de Deus lhe foi revelado em toda a plenitude. Alguém até já sugeriu que aqueles três anos na Arábia foram uma deliberada compensação pelos três anos de instrução que Jesus dera aos outros apóstolos, mas que Paulo não recebera. Agora era como se ele tivesse Jesus ao seu lado durante três anos de solidão no deserto.

Álibe 2. Ele foi a Jerusalém mais tarde para uma rápida visita (vs. 18-20)

A ocasião provavelmente é a que se menciona em Atos 9:26, depois que ele foi tirado às escondidas de Damasco, sendo descido pelo muro da cidade em um cesto. Paulo é totalmente franco acerca desta visita a Jerusalém, mas lhe dá pouca importância. Nada havia nela de tão significativo como os falsos mestres estavam obviamente sugerindo. Diversos aspectos dela são mencionados.

Primeiro, ela aconteceu "decorridos três anos" (versículos 18). Isto significa quase certamente três anos depois de sua conversão, tempo em que o seu evangelho já fora plenamente formulado.

Depois, quando ele chegou a Jerusalém, avistou-se apenas com dois

1, Lightfoot, pág. 87. 2. Citado por Lightfoot, pág. 90.

35

A ORIGEM DO EVANGELHO DE PAULO

apóstolos, Pedro e Tiago. Ele foi para "avistar-se" (ERAB) ou "conhecer" (BLH) Pedro. O verbo grego (historesai) era usado no sentido de fazer turismo e significa "visitar com o propósito de conhecer uma pessoa" (Arndt-Gingrich). Lutero comenta que Paulo foi visitar esses apóstolos "não porque recebeu tal ordem, mas de sua própria vontade; não para aprender alguma coisa com eles, mas apenas para conhecer Pedro".¹ Paulo também conheceu Tiago, que parece estar aqui relacionado entre os apóstolos (versículo 19). Não viu, porém, nenhum dos outros apóstolos. Pode ser que eles estivessem ausentes, ou ocupados demais, ou até mesmo com medo de Paulo (cf. Atos 9:26).

Terceiro, ele passou apenas "quinze dias" em Jerusalém. Naturalmente em quinze dias os apóstolos teriam tido tempo para falar acerca de Cristo. Mas o que Paulo está destacando é que, quinze dias não era tempo suficiente para ele absorver de Pedro todo o conselho de Deus. Além disso, não fora esse o propósito da visita. Lemos em Atos (9:28,29) que grande parte daquelas duas semanas em Jerusalém foi ocupada em pregações.

Resumindo, a primeira visita de Paulo a Jerusalém deu-se apenas

depois de três anos, durou duas semanas, e ele viu apenas dois apóstolos. Portanto, é ridículo sugerir que tenha recebido o seu evangelho dos apóstolos em Jerusalém.

Álibi 3. Ele foi para a Síria e a Cilícia (vs. 20-24)

Esta visita ao extremo norte corresponde a Atos 9:30, onde vemos que Paulo, estando em perigo de vida, foi levado pelos irmãos à Cesaréia, de onde o enviaram para Tarso, que fica na Cilícia. Uma vez que ele diz que também foi "para as regiões da Síria", ele deve ter visitado novamente Damasco e Antioquia a caminho de Tarso. De qualquer maneira, o que Paulo está destacando é que estava lá no extremo norte, e não em Jerusalém.

Um resultado disso é que ele "não era conhecido de vista das igrejas da Judéia" (versículo 22). Estas o conheciam apenas de ouvir falar, e o rumor que ouviam era que o seu perseguidor de outrora se tornara pregador (versículo 23). Na verdade, ele se tornara pregador "da fé" que havia aceitado e que anteriormente "procurava destruir". Sabendo disto, "glorificavam a Deus a meu respeito". Eles não glorificavam a Paulo, mas a Deus em Paulo, reconhecendo que este era um troféu extraordinário da graça de Deus.

Só catorze anos mais tarde (2:1), presumivelmente anos esses após a 1. Lutero, pág. 87.

36

GÁLATAS 1:11-24

sua conversão, Paulo tornou a visitar Jerusalém e teve um contato mais demorado com os outros apóstolos. A essa altura dos acontecimentos, o seu evangelho já estava totalmente desenvolvido. Mas durante o período de catorze anos entre a sua conversão e esta entrevista ele fez apenas uma rápida e insignificante visita a Jerusalém. O restante desse tempo ele passou na distante Arábia, na Síria e na Cilícia. Seus álibis provam a independência do seu evangelho.

O que Paulo diz nos versículos 13 a 24 pode ser resumido da seguinte forma: o fanatismo de sua carreira antes da conversão, a iniciativa divina na sua conversão e depois, o seu isolamento quase total dos líderes da igreja de Jerusalém, tudo contribuía para provar que sua mensagem não era humana, mas divina. Além disso, estas evidências históricas e circunstanciais não poderiam ser contestadas. O apóstolo pode confirmar e garantir isso com uma solene afirmação: "Ora, acerca do que vos escrevo, eis que diante de Deus testifico que não minto!" (versículo 20).

Conclusão

Concluindo, retornamos à afirmação que estes detalhes autobiográficos

procuraram estabelecer. Os versículos 11 e 12 dizem: Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem; porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo. Tendo considerado a falta de contato de Paulo com os apóstolos de Jerusalém durante os primeiros quatorze anos do seu apostolado, podemos aceitar a origem divina de sua mensagem? Muitos não aceitam.

Há pessoas que, embora admirem o intelecto sólido de Paulo, acham que seus ensinamentos são severos, áridos e complicados; por isso os rejeitam.

Outros dizem que Paulo foi responsável pela corrupção do Cristianismo simples de Jesus Cristo. Estava na moda, cerca de um século atrás, estabelecer uma brecha entre Jesus e Paulo. Contudo, de um modo geral reconhece-se atualmente que não se pode fazer isto, pois todas as sementes da teologia de Paulo se encontram nos ensinamentos de Jesus. Não obstante, a "teoria da brecha" ainda tem os seus advogados. Por exemplo, Lord Beaverbrook escreveu uma pequena vida de Cristo que ele intitulou *The Divine Propagandist* (O Propagandista Divino). Ele nos informa que a escreveu "como um homem de negócios", e que estava "tentando entender Jesus à luz trêmula de uma inteligência limitada e uma pesquisa certamente restrita". "Eu vasculhei os evangelhos e ignorei a teologia", ele diz. Seu tema é que a igreja

37

A ORIGEM DO EVANGELHO DE PAULO

tem entendido mal e representado mal a Jesus Cristo. Quanto ao apóstolo Paulo, a opinião de Lord Beaverbrook é que ele foi "incapaz, por natureza, de entender o espírito do Mestre". Ele "prejudicou o Cristianismo e deixou suas marcas, eliminando muitos dos traços das pegadas do seu Mestre".¹ Mas Paulo não pode ter representado mal a Cristo se estava transmitindo uma revelação especial de Cristo, que é o que ele declara em Gálatas 1.

Outras pessoas acham que Paulo era um homem comum, que participava de nossas paixões e nossa falibilidade, de modo que a sua opinião não é melhor do que a de qualquer outra pessoa. Mas Paulo diz que a sua mensagem não é segundo os homens, mas vem de Jesus Cristo. Outros, ainda, dizem que Paulo simplesmente refletiu a opinião da comunidade cristã do primeiro século. Nesta passagem, porém, Paulo se esforça para mostrar que a sua autoridade não era eclesiástica. Ele foi totalmente independente dos líderes da igreja, e recebeu seus pontos de vista de Cristo, e não da igreja.

Este, portanto, é o nosso dilema. Vamos aceitar as palavras de Paulo

quanto à origem de sua mensagem, apoiadas como estão por sólidas evidências históricas? Ou será que vamos preferir nossa própria teoria, embora não tenha o apoio de qualquer evidência histórica? Se Paulo está certo ao dizer que o seu evangelho não veio de homens, mas de Deus (cf. Rm 1:1), então rejeitar Paulo é rejeitar a Deus.

97.548436/0001-51